

O DISTRICTO DE AVEIRO

PUBLICA-SE A'S TERÇAS E SEXTAS FEIRAS.



Preços: (com estampilha)

Anno, 3\$540 réis — Semestre, 1\$770 réis — Trimestre, 935 réis.

Subscryve-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração, rua Direita n.º 24. — Publicações de interesse particular, são pagas—Folha avulsa, 40 réis—Anuncios, 20 réis por linha—Correspondencia não franqueada, não sera' recebida — Artigos mandados a' redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos.

Preços: (sem estampilha)

Anno, 3\$000 réis— Semestre, 1\$500 réis — Trimestre, 800 réis.

NUMERO 47

TERÇA-FEIRA 10 DE DEZEMBRO DE 1861

PRIMEIRO ANNO

AVEIRO

Que excellente quadro para observações politicas!

A morte do rei poz em prova a sensibilidade do paiz, e abriu á vista publica os recintos de todos os partidos. Quem quizer edificar-se pôde visital-os, e ficará desenganado do que se pôde esperar dos grupos partidarios, taes como elles estão formados hoje.

O paiz não tem outro sentimento alem da saudade! A religião e o patriotismo tem esgotado as suas demonstrações de dôr pelo rei defuncto. O abandono dos cuidados civicos é geral. Todo o pensamento que não seja uma recordação do principe querido, é mal aceite. O exemplo impõe respeito, e quem não acompanha o côro funebre, que a nação intõa, cahe no desagrado popular. Actualmente o primeiro dever social é contar as virtudes do rei que perdemos, e enumerar as honras que fazem á sua memoria os paizes estrangeiros, e apontar os multiplicados projectos em que estão empenhadas todas as classes para fazerem commemoração meritoria e digna das altas qualidades, que todos lhe reconheciam. Ha uma verdadeira emulação no luto e nas lagrimas, e esta emulação é desinteressada.

O paiz tendo desde muito tempo pouca vida politica, agora preocupado de uma só ideia, absorvido n'um só sentimento pode-se dizer que abdicou. Pois agora que o paiz abdicou, e o rei morreu é que é o melhor ensino para os partidos disputarem o poder, não como um meio de consolação publica, não como principio de animação social, não como fonte de melhoramentos e utilidades, mas como uma satisfação de ambições pessoais, como um desforço politico e uma vinda de rivalidades offendidas!

Todos dizem que o rei como entidade constitucional não morreu. Ora, pois, ou todos repetim uma axioma ou todos fizemos uma doutrina. Se repetimos o axioma fizemos uma puerilidade. Se professamos uma doutrina é preciso observala.

Porque é a morte do rei no systema constitucional um acontecimento sem importancia politica? Porque os negocios publicos são geridos pelo paiz, e as condições dessa gerencia não se alteram com mudarem os principes reinantes. Os reis herdaram a corõa pelas leis da successão. Os ministros herdaram o poder pelas leis da opinião. Ora, estas duas jurisprudencias como todos conhecem, differem nos principios, nos meios, e nas consequencias.

Os dois grandes adversarios da actualidade, o que se chama opposição e governo, juntando-se ambos n'aquella solemne homenagem á theoria

constitucional, descarta-se cada um por seu modo em a negar e vilipendiar. Esta confissão hypocrita e esta apostazia commum denunciam o impudor das nossas parcialidades politicas, e a pouca consideração que ellas tem pela consciencia do paiz.

Os ministeriaes revelam que o rei, que finou, era do seu partido. Portanto, para esse partido, o rei morreu, e a alta e verdadeira doutrina constitucional é uma burla.

A opposição deligencia fazer seu o rei, que vive, blasona mesmo de o ter conquistado. Logo, para esta parcialidade tambem é uma arteifice o principio de que a realza é uma magistratura alheia nos seus actos, e sympathias aos partidos politicos.

Então o rei que morreu era de um partido? O rei que lhe succedeu ha de ser d'outro? E a constituição que o criou, que o medelou, que lhe fez o espirito e que lhe marcou um destino, ha de passar sem elle? E o paiz que o sustenta com o seu affecto, que o auxilia com a sua dedicação, e que o precisa para regular todas as ambições, ha de resignar-se a vê-lo chefe de um bando politico, patrono de uma clientella designada?

Ousamos negar redondamente as asserções dos ministeriaes e agourar completos desenganos ás petições opposicionistas. O rei defuncto não foi de partido nenhum. O rei actual não pertencerá a nenhum partido. Uma d'estas proposições é uma verdade historica, e a outra é um prognostico seguro.

Porque difamam os ministeriaes a religiosidade constitucional do sr. D. Pedro V? Porque o calunniam accusando-o de faltar ás obrigações da realza? Se elle era seu partidario, incubram-lhe essa fraqueza, e não commettam a deslealdade de denunciarem o seu consocio.

Mas os ministeriaes querem fazer do sentimento publico pela morte do rei um amparo politico para as suas ambições, e apresentarem-se ao publico como imutavel escolha e ultima vontade do rei, que depois de morto, ainda deixon nos seus desejos preceitos para o seu povo. Baldada especulação, que nem por isso deixa de ser indigna de gente séria!

Os opposicionistas pelo seu lado julgam que tendo um rei seu partidario alcançarão o que lhe faltara para se assenhoriarem do poder, e gosar em profunda paz. Explicam a fortuna dos seus adversarios pela posse das sympathias regias; e contando com este elemento de força compromettem-se a mover o mundo. Tem mais audacia para comprometter um reinado, logo desde a sua inauguração do que humildade para reconhecerem em si proprios um só defeito politico.

Ora deixem uns em honrada paz as cinzas

do rei, que tanto choram, e cuja reputação pouco zelam. Deixem outros em sua natural independencia o rei para quem o throno ainda é só emblema de saudade e estímulo delagrimas, e em vez de lhe mostrar a larga senda constitucional, não o mettam em atalhos que o desviem do seu alto destino.

O rei é uma instituição e uma magistratura nacional. As posições politicas nem se tomam, nem se defendem com o auxilio delle. A honestidade politica manda que conservemos com cuidado todos os elementos legaes da governação publica, e que não detrupemos as supremas influencias do estado. Não se hade desmantelar toda a machina constitucional por um dia de folgado. Os homens publicos tem meios proprios do acção, e fica-lhes bem empregal-os largamente. Pelos partidos e com elles é que esses meios se desenvolvem e multiplicam e augmentam em efficacia. Sejamos, pois, todos partidarios, e tenhamos vergonha de ser intrigantes.

O concelho d'Estarreja acaba de tomar uma deliberação que lhe faz muita honra. Offereceu o terreno necessario para a estação do caminho de ferro, e habilitou-se pelos meios administrativos para o comprar aos seus possuidores.

A camara d'Estarreja requereu auctorisação para applicar da somma destinada no orçamento para obras publicas o preço que lhe haja de custar o terreno da estação. Esta auctorisação não lhe podia ser negada, e a camara com ella não só adquire a vantagem de ter a estação do caminho de ferro naquella localidade mas de ligar a via ferrea por aquelle ponto com a grande bacia hydrografica de Aveiro.

A communicação aquatica com Estarreja era até aqui longa e penosa. O esteiro porque ella se fazia tinha sinuosidades continuadas, e por isso aquelle tracto era muito mais longo do que devia ser.

Tambem este grande inconveniente nas communicações fluvias desta localidade vae a acabar. A camara d'Estarreja projecta abrir aquelle esteiro por um novo traçado, alargando e profundando. Este projecto de facil execução principalmente se a camara for auxiliada pelos proprietarios marginaes tambem vae começar breve segundo dizem.

Por muito tempo o concelho d'Estarreja foi notavel pelo seu descuido municipal, e pela sua indiferença a todos os melhoramentos. Mas o caminho de ferro accordou-o do seu profundo e duradouro lethargo, e elle entrou na estrada do progresso com tanto mais vigor, quanto era inveterada a sua inercia.

« ços, a Hydra de Lerna sibillando horrenda mente, a Chymera armada de chammas, as Gorgonas, as Harpias, e a sombra do gigante de tres corpos.

« Eneas arripiado empunhou a espada, e apresentou a ponta aos que vinham para elle; e se a douta companheira não o avisasse de que tinha de haver-se com formas sem corpo, e com vãs imagens esvoagando nas trevas, — certamente se arrojaría açoutando com a espada os phantasmas impalpaveis.

« Daqui parte o caminho que vae ter ás margens do Acheronte. *Hinc via.*»

Devemos suppor que a grotta se bifurcava neste ponto, e que o ramal da galeria s'internava para a esquerda, que é a direcção do Acheronte, — hoje o lago Fusaro.

O rio Acheronte era um Deus, segundo as legendas vulgares, filho de Ceo e da Terra; durante a guerra dos gigantes com Jupiter deu agua para matar a sede a alguns dos Titões — cansados d'empilhar o Pelio no Ossa; — foi por isso precipitado nos infernos, e a sua agua tornou-se incapaz de se beber.

Turbidus hic como vastaque voragine gurgis.

Vasto e lodoso pego, que vomita em cachões a sua immundicie nas aguas do Cocyto.

E' nossa opinião que começa neste ponto um erro grave dos sabios italianos, e em particular do conego Jorio. Segundo elles — Eneas penetra no antro, e logo d'ahi a pouco sae para fora, continuando á luz do dia a viagem para o tartaro e campos elysios.

Mas Virgilio — pelo contrario é positivo.

Logo que Eneas transpõe o vestibulo dos infernos, logo que deixa atraz na encruzilhada subterranea a arvore onde habitam os sonhos, finalmente — logo que toma para a esquerda, des-

Este acontecimento que é mais uma prova da virtude excitativa dos caminhos de ferro, é egualmente um exemplo, que impõe deveres a outros concelhos em igual situação topographica em relação ao caminho de ferro.

Estes concelhos conhecem o que lhe convem, e é de esperar que attemem pelas suas conveniencias. Se o não fizerem aceitarão a inferioridade em que os deixa o zelo d'outras povoações, e ajuntarão á vergonha de se deixarem vencer na lucta dos melhoramentos e dos progressos a ruina dos seus interesses, e ao compromettimento de seu auspicioso futuro.

Deixem-se de diplomacias. O sr. governador civil não se prende com teias d'aranha. Elle não gosta que atenuem a responsabilidade dos seus actos. E' decidido, bravo, e mesmo impetuoso no cumprimento das ordens que recebe dos seus vigias, pedagogos e protectores. Tem estas qualidades, desvanecese de as ter, mas se as não alardea tambem não agradece que lhas obscureçam.

Pois se o sr. governador civil está prompto a demittir o administrador do concelho de Ilhavo para que não de enfraquecer o merito desta resolução, divulgando que o administrador daquelle concelho pedira a sua exoneração? As demissões pedem-se por officio, e quando os empregados que as pedem não desmerecerão a confiança dos seus superiores negam-se-lhes. Uma demissão dada, uma demissão aceite, são actos equivalentes: a differença é uma formalidade.

Suppunhamos que o administrador d'Ilhavo tenha pedido a demissão. Porque lha acceptou o governador civil? Pelas mesmas razões porque lha daria. Então para que é a insistencia n'uma vã distincção que nada significa?

O caso é simples, sabido, e conhecido. O administrador d'Ilhavo desagrudou á camarilha que cerca o governador civil. Ella é pouco numerosa mas impera; porque o governador civil deixa-se magnetisar de qualquer creatura, e obedece-lhe como quem está dominado por influencias incontestaveis. Gloria-se mesmo d'obedecer muito, promptamente, e em tudo.

E porque desagrudou o administrador de Ilhavo á camarilha? Porque calculou a força dos partidos no seu concelho, e não quiz fazer d'uma eleição de camara municipal uma lucta desesperada, sem esperanças de victoria. Disse isto francamente ao governador civil. O resultado da eleição auctorisou as suas previsões. A camarilha não pode perdoar que aquelle o administrador do concelho, tivesse mais juizo do que ella; e decidiu punil-o desta insolencia.

apparece-lhe a luz do dia, e só torna a vela quando sae dos campos elysios por a porta de marfim.

Se o Acheronte, a Styge, o Cocyto, Cerbero e o seu antro, o campo das lagrimas, o Phlegetonte, o Tartaro, e os campos elysios estivessem, como o conego indica, na superficie da terra, não era mister o ramo d'ouro para penetrar lá, e mesmo do templo d'Apollo se avistaria o Acheronte, a Styge, o Cocyto, e todo o reino infernal que Virgilio positivamente colloca nas entranhas da terra.

Se exceptuarmos o Averno, que era a boca do inferno, devemos suppor que todos os lagos e rios infernaes eram subterraneos.

Isto nos leva a crer que o conego Jorio commetteu um erro topographico, indicando o lago Tucrino como a lagoa stygia.

Para entrar no inferno era mister atravessar duas vezes a lagoa stygia, uma vez para entrar e outra para sair:

Bis Stygios innare lacus, bis nigra videre Tartara.

Ora se a lagoa stygia fosse no logar onde o bom conego Jorio a situara, nem ao menos seria mister que Eneas se approximasse della para visitar o Tartaro, e suas dimensões e dependencias, como diria um tabelião, ou um advogado.

Não. — Conforme Virgilio, a Styge necessariamente era entre o Acheronte e o Cocyto, isto é, — entre o lago que hoje se chama o Fusaro e o *Aqua morta* que foi entulhado em consequencia dos trabalhos de salubridade.

Sobre este ponto os versos de Virgilio dissipam todas as duvidas.

Depois de costear o Acheronte, e ver as sombras detidas na margem por falta de sepultura,

FOLHETIM

NAPOLES E AS SUAS PROVINCIAS

POR

ALEXANDRE DUMAS.

Viagem d'Eneas aos infernos.

(Continuação do n.º 43)

Apesar dos vapores mortaes, que surprehendiam as aves na atmosphaera, quando passavam no mais rapido vôo por cima do lago, as pombas divinas escaparam á influencia nephitica do Averno, e foram poisar na arvore do ramo d'oiro.

Immediatamente Eneas apanha o ramo que cede facilmente, e o leva para o antro da sibylla.

Mas antes de tudo tem de cumprir as honras funebres. As cinzas de Miseno encerradas n'uma urna de bronze são transportadas para um alto monte, que toma o nome de cabo Miseno, do corpo que se entregam á terra, e do tumulo que erigem.

Este é o nono que conserva ainda hoje; — ainda hoje se aponta o lugar onde era o tumulo.

Depois cumprindo as ordens da sibylla, Eneas volta á margem do Averno; — não pode haver engano sobre a identidade do lugar, sobretudo depois que se descobriu a comprida grotta, que vae desembocar ao lago.

No meio de bosques sombrio, diz Virgilio, existe uma alta caverna que tem uma boca immensa, pedregosa, e cuja entrada defez aos mortaes por um lago de negras aguas; — nenhuma ave pode estender impunemente as asas por cima d'elle; — tal é o halito que do abismo impuro s'eleva até ao ceu; — d'aqui

« vem o nome *Aornon*, (1) que lhe lhe puzeram « os gregos.»

Não pôde haver engano; no decurso da jornada Eneas não vem desembocar ao lago Averno, como acreditaram alguns glossadores de Virgilio, antes o lago Averno é o seu ponto de partida.

Por tanto — terminados os sacrificios diz a sibylla para Eneas:

« Vem comigo, e desembainha a tua espada. E' chegado, oh! Eneas, o momento de ter coragem e coração intrepido.

« Assim dizendo, arroja-se furiosa no antro patente, e o heroe com igual audacia vae seguindo os passos della.»

Mesmo ali Virgilio é d'exacta concisão.

Mal Eneas e a sibylla entram no antro *Vestibulum ante ipsum primisque in faucibus Orci*. deparam com a Angustia, os Remorsos vingadores, as pallidas Doenças, a triste Velhice, o Medo, a Fome, — má conselheira — a vil Pobreza, — fantasmas de terrivel aspecto — a Morte, o Trabalho e o Somno, — irmãos consanguineos da Morte — os maus Frasers do espirito, a Guerra mortal, as Eumenides detidas nos leitões de ferro, e a louca Discórdia de vipereas grenhas atadas com fitas cruentas.

« Ha no meio um olmo opaco que estende « em redor os braços e ramos; é debaixo de to- « das as suas folhas que se acoutam os Sonhos « vãos; — por ali tambem se veem monstros aos « milhares trajado as formas de varios animaes; « ali debaixo dos porticos habitam os Centauros, « as Scyllas biformes, os Briareus de cem bra-

(1) «Aornon», na lingua grega significa: «sem aves», nome-se que é esta a etymologia da palavra Averno.

Agradecimento do Rei ao seu povo

Copiamos do *Diário de Lisboa* de 7 do corrente a seguinte carta de S. M. El-Rei o senhor D. Luiz I, dirigida ao nobre Marquez de Loulé:

Ao Marquez de Loulé, presidente do conselho de ministros.

Meu caro Marquez. — Ha doros que se sentem, mas que não se podem expressar. A minha é uma d'essas. Ainda não enxutas as lagrimas pela morte de um irmão querido, já outra campã se abria para receber outro irmão, que todo se dedicava á felicidade do seu povo. Não posso contudo, apesar de opprimido pela dor mais cruel, esquecer e deixar de agradecer não só aos habitantes das cidades de Lisboa e Porto, como tambem aos de todo o reino, as provas de amor e sympathia, que deram por occasião da morte de meu sobre todos querido irmão, el-rei o sr. D. Pedro V.

Quando a dor e o luto são expontaneos, são o mais valioso epitaphio a que um rei pôde aspirar. Grande é a minha dor, mas peço ao Marquez que faça saber aos portuguezes que egual é o meu reconhecimento. — D. LUIZ, rei de Portugal.

Lisboa, 1 de dezembro de 1861.

Amigos e collegas.

Ha quasi trez semanas, que remetti á redacção do *Tribuna Popular* uma correspondencia, em desagravo d'outra que naquella jornal encontrei. Como ainda m'a não publicaram, (procedimento tanto mais de extranhar, quanto elle o tido com collegas) e eu desejo sempre que se saiba o que eu digo, por isso vos tomo segunda vez logar no *Distrito* — com um assumpto possível, publicando o conthendo daquella correspondencia, de que não guardei copia, e que escrevi á pressa, mas que, se bem me lembro, era o seguinte:

Aveiro 9 de dezembro de 1861.

J. BANDEIRA.

Ilm.º sr. redactor do *Tribuna Popular*.
Duas palavras só, que servirão para aquimar o lanzudo mastim, que nas columnas do seu jornal n.º 604 veiu ainda nivar-me de rastos, com o focinho bezuntado d'immundicie.

Não discuto, nem discutirei jámais os meus trabalhos technicos com pessoas extranhas á minha classe, e muito menos com tolos. Por esse lado, basta-me a approvaçãõ dos meus collegas e superiores, merecendo-lhes o conceito sufficientes para o sr. visconde da Luz dizer publicamente em Vizeu, segundo affirma o proprio correspondente, que não alterava em coisa alguma o traçado apprezentado pelo engenheiro *Bandeira de Mello*.

Em quanto ao mais, heide continuar a seguir este systema de castigar os petimetres, que imaginam que um homem, por ser empregado publico, hade estar exposto aos insultos de qualquer labregõ que se lembre de dizer umas poucas de parvoices, enchendo a boca com a imprensa. Para desaffronta della é que eu procedo assim; porque nem a quero ver acreditada com o meu descredito, nem com o meu credito desacreditada.

Se esse miseravel R. de Mattos sabe algum facto da minha vida publica ou particular que possa affectar a minha honra, que faça a sua accusaçãõ em termos claros, e eu lhe direi se sei ou não intentar um processo, e se transijo com elle. O que se passou na questãõ com o sr. Alves Matheus sabe-o toda a gente em Santa Comba-Dão. E' uma mentira estúpida e descarada isso que diz o vilissimo correspondente, que no tribunal d'aquella villa eu chorava como uma criança, por ter a minha carreira perdida! descarada, porque todos sabem o que se passou; estu-

Eneas e a sibylla — diz o poeta, continuam a jornada encaminhando-se para a beira do rio.

Ergo iter inceptum peragunt, fluvioque propinquanti Navita quos jam inde ut Stygia prospexit abunda Pertacitum nemus ire, pedumque advertere ripae...

Eneas tendo mostrado a Charontõ o ramo d'ouro entra na barca, que esteve a ponto de se arrombar com o peso. Mas Eneas e a sibylla atravessam incolumes para a margem opposta, onde Charontõ os desembarca sobre um limo informe, e entre morraças da verde cor do oceano.

Eis-ahi Cerbero deitado no seu antro. Perguntaremos ao conego Jorio, que já agora sabe a opiniãõ que deve seguir (porque o honrado homem falleceu ha 25 ou 30 annos) como era possível que a lagoa stygia se achasse simultaneamente perto do lago Averno, e entre o Acheronte e Coccyto?

A respeito do antro de Cerbero, fique no logar que é assignado no plano do conego Jorio; porem como Virgilio o colloca positivamente na raia da lagoa stygia, é claro que não podia estar ao mesmo tempo juncto do Coccyto e Acheronte, e ao pé do lago Averno, — só se o animal tinha dous corpos assim como tinha tres cabeças.

A sibylla deita ao monstro um bolo preparado com mel e dormideiras. O monstro adormece, e ambos passam ávante evitando a triple goela, e as cobras que já se iam ericando no collo. Aqui principiam versos d'admiravel melancholia — mais excellentes ainda, por isso que a melancholia, a musa de Millevoje, André Chénier, e Lamartine era quasi desconhecida dos antigos.

Continuo audiat voces, vagitus et ingens, Infantum animae flentes in limine primo; Quos dulcis vultu exortis, et ab ubere raptos Abstulit atra dies, et finere miseris acerbo.

vida, porque quem me conhece o caracter sabe bem que trinta carreiras que eu tivesse jogal-as-hia todas para desaffrontar a minha dignidade, e que se algumas vezes me tem vindo as lagrimas aos olhos, nunca sentimentos baixos m'as trouxeram, e muito menos para deplorar a minha carreira, que eu nunca tenho tido rasões senão para bem-dizer, e que tem ido sempre cada vez a melhor, em que peze a miseraveis, como esse sr. Rodrigues de Mattos, cujas palavras me dão o direito de empunhar o azurrague, e gritar-lhe — *passa fora, canalha*.

Desculpe, sr. redactor, a violencia da phrase, mas isto é para beneficio de todos.

Sou de V. S.ª

Att.º Venerador

Aveiro 20 de novembro de 1861.

José *Bandeira Coelho de Mello*.

TRIBUNAES

Relaçãõ do Porto.

Autos distribuidos na Sessão de 2 de dezembro. Appellações civis.

Braga — Antonio Vieira d'Araujo, contra a camara municipal de Braga; juiz Cerqueira, escrivão Cabral.

Cabeceiras de Basto — Antonio Bento Machado e mulher, contra Francisco Antunes Pereira; juiz Sousa, escrivão Silva Pereira.

Amares — D. Maria Lima d'Araujo Azevedo Sá Coutinho, contra D. Rodrigo d'Azevedo Sá Coutinho; juiz Casado, escrivão Albuquerque.

Estarreja — João Francisco da Silva Reverendo e mulher, contra João José Affonso d'Oliveira; juiz Castro, escrivão Bandeira.

Almeida — Carlos José Botelho e irmãos; contra o reverendo João José Lopes; juiz Gama, por impedimento Seabra, escrivão Cabral.

Mor'Agõa — Paula Maria, contra João de Jesus Simões e outros; juiz Barboza, escrivão Silva Pereira.

Amarante — Joaquim Monteiro Barreto e outros, contra José Joaquim de Moura e outros; juiz Pinto, escrivão Albuquerque.

Regoa — A Misericórdia de Villa Real, contra Manoel d'Oliveira e irmãos; juiz Abranches, escrivão Bandeira.

Agueda — João Simões Coutinho e outros, contra o visconde e viscondessa da Borralha; juiz Silveira Pinto, por impedimento Lopes Branco, escrivão Cabral.

Ditas da fazenda nacional

Braga — A fazenda nacional, contra Manoel Gonçalves Loureiro e mulher; juiz Barboza, escrivão Silva Pereira.

Freixo d'Espada á Cinta — A fazenda nacional, contra Leandro Soeiro e outros; juiz Pinto, escrivão Albuquerque.

Aggravos

Villa-Verde — João dos Santos Pereira Junior e outro, contra o M. P.; juiz Gama, por impedimento Seabra, escrivão Silva Pereira.

Coimbra — José Maria d'Almeida, contra o M. P.; juiz Barboza escrivão Albuquerque.

Monte-Alegre — Os caixas claviculares do contrato do tabaco, contra o juiz de direito e outro; juiz Pinto, escrivão Bandeira.

Penafiel — O M. P., contra Innocencio Eduardo Alvares Moreira; juiz Abranches, escrivão Cabral.

Vizeu — Manoel Nunes Pereira Castello Branco, contra Antonio Teixeira Coelho e mulher; juiz Silveira Pinto, por impedimento Lopes Branco, escrivão Silva Pereira.

Para o julgamento de 10 de dezembro

Aggravos

Chaves — Juho Rodrigues, Lousada, contra o M. P.

Oliveira d'Azemeis — Joaquim Francisco da Silva, contra o M. P.

Supremo tribunal de justiça

Processo n.º 4:621

Relator o exm.º conselheiro Aguiar, supplente. Nos autos crimes da Relaçãõ do Porto (comarca de Sabugal), recorrente João Martins Mouta, recorrido o ministerio publico, se proferiu o accordãõ seguinte:

Accordãõ em conferencia os do conselho no supremo tribunal de justiça, etc.:

Attendendo que o recorrente, tendo sido accusado pelo crime de homicidio voluntario, foi condemnado em pena de morte, com o fundamento de estar provada a premeditaçãõ, e em conformidade do artigo 351.º do codigo penal;

Attendendo a que do libello não se allega a premeditaçãõ, e a que esta não deve confundirse com o proposito e caso pensado, de que se faz mençãõ no mesmo libello; o que juridicamente é distincto e anterior á resoluçãõ do crime, ou *designio formado*, nos termos do artigo 352.º do codigo penal;

Attendendo a que nenhum quesito se fez ao jury sobre a premeditaçãõ;

Attendendo a que as respostas de jury sobre as circumstancias aggravantes não podem, nos termos em que os quesitos foram propostos, ser consideradas affirmativas de factos constitutivos da premeditaçãõ;

Attendendo a que, não se verificando assim a premeditaçãõ, não pôde, na hypothese dos autos, sustentar-se a referida condemnaçãõ do recorrente;

Concedem a revista pela errada applicaçãõ do citado artigo 351.º do codigo penal, annullam o accordãõ recorrido, e mandam que baixem os autos á mesma relaçãõ, para que, por diversos juizes, julgando-se de novo sobre a condemnaçãõ do recorrente, se dê cumprimento á lei;

Lisboa 11 de outubro de 1861. — Aguiar — Visconde de Fornos — Mello e Carvalho, vencido — Ferrão — Visconde de Lagoa, vencido. — Fui presenta, Souza.

(*Diario de Lisboa*, de 22 de novembro)

Sessão em 29 de novembro

Distribuição.

9636 — Recorrente Maria Luiza Ferreira, e marido, recorrido José de Villas Boas Pereira; relator visconde de Lagoa.

Julgamento

9361 — Recorrente a fazenda nacional, recorrido o barão do Seixo; negou-se a revista.

8915 — Recorrente João Antonio Camello, recorrida Maria Francisca, solteira, sui juris, como tutora de seu filho natural, impubre, Manoel; negou-se a revista.

9066 — Recorrente a camara municipal, recorrida a menor pubre, Flor, e Ermelinda Angelica do Couto Lea; negou-se a revista.

9243 — Recorrente Frederico Pinto Pereira de Vasconcellos, e mulher, recorrido Joaquim Francisco da Costa, e mulher; negou-se a revista.

Para a sessão de 6 de novembro

8929 — Recorrente Manoel José da Silva, recorridos os herdeiros de Maria Thereza Barboza; relator Cabral.

Embargos.

8377 — Recorrente Firmino Eduardo Peres de Sousa e mulher, recorrida Maria José de Alarcão Sarmiento, relator visconde de Portocarrero.

7873 — Aggravante João Anastasio de Meirelles Marques, aggravada Thereza de Jesus Pereira; relator Mello.

9597 — Aggravante os administradores da caixa filial do banco de Portugal, do Porto, aggravado Antonio José d'Oliveira; relator Mello.

Sessão de 3 de dezembro

Distribuição

8638 — 1.º recorrente Maria dos Prazeres, e

Finalmente Eneas e a sibylla sahem pela porta de marfim, que é a porta dos vãos Sonhos; e o heroe se dirige para as naus, e torna a ver seus companheiros.

Ille vitam secat ad nares, sociosque revisit.

O Lago Patria.

Do viso do monte de Cumas, um pouco abaixo do logar onde era o templo d'Apollo, avistam-se ao noroeste — primeiro charcos immensos lá por baixo, e em seguida contiguo a estes charcos o lago Licola.

A direita, como primeiros botareus da serra Colombo, surgem as collinas de Gaudio, onde reventava — diz Plinio — uma fonte celebre por a singular virtude d'embriagar como o vinho.

Da parte esquerda do lago, entre este e o mar estão as reservas reaes, assim chamadas desde 1239, isto é, desde o tempo do imperador Frederico 2.º, que duas vezes foi excommungado; — d'uma vez por Gregorio 9.º, e d'outra por Innocencio 4.º

Na extremidade do lago Licola apparece a linha brilhante desenhada pela communiçãõ do lago com o mar, similliante aos fios de seda que no outono fluctuam nos ares; para além do lago Licola a custo se divisa o lago Patria.

Defronte — muito ao longe está debuxada a cordilheira que domina as lagoas de Mintarno, immortalisadas pela proseripçãõ de Mario, e que termina na cidade de Gaeta, que lá alveja entre o azul do ceu e o azul do mar.

Emfim para além de Gaeta — no extremo horizonte, qual nevoa fluctuante e sem lineamentos distinctos se descobre a ilha d'Eca e o cabo Circe, onde reinava a filha do Sol, irman de Med' rival de Seylla, e formidavel amante d'Ulises.

Toda a costa de Cumas, que par...

seu marido, 2.º recorrente Maria Jesuino Pinto Cabral Magalhães, recorrido João Bernardino Cabral Pinto Magalhães; relator Aguiar.

Julgamento

8523 e 8523 A — Recorrente João José, e sua mulher, recorrida Maria Rita, viuva e filhos; negou-se a revista.

8205 — Recorrente Francisco José Pereira d'Azevedo, e filhos menores, recorrido Manoel de Jesus de Sá Nunes; negou-se a revista.

9055 — Recorrente a fazenda nacional, recorrido José de Freitas; negou-se a revista.

9145 — Recorrente Ricardo de Mello Gouvea, recorrido Adriaõ Pereira Forjaz de Sampayo; negou-se a revista.

9325 — Recorrente a fazenda nacional, recorrido Thomaz P. Chasseraux, e Anna Rita Bernardes; negou-se a revista.

8818 — Recorrente a fazenda nacional, recorrido José Ferreira, e mulher; negou-se a revista.

4962 — Recorrente José Joaquim Mendes Cavalleiro, recorrida Leonor Roza dos Guimarães; annullou-se o processo.

Para a sessão de 10 de dezembro

8466 — Recorrente a fazenda nacional, recorrida Josefa Maria da Silva Carvalho; relator Aguiar.

8693 — Recorrente Luiza do Valle, recorrido Joaquim do Valle, relator Aguiar.

8909 — Recorrente a fazenda nacional, recorrido Antonio Fernandes; relator Aguiar.

9345 — Recorrente José Antonio da Costa, recorrido Manoel Francisco Gomes; relator Aguiar.

8920 — 1.º Recorrente o ministerio publico, 2.º recorrente Simão Diogo Lopes, recorrida Maria Francisca, viuva; relator visconde de Lagoa.

PARTE OFFICIAL

MINISTERIO DOS NEGOCIOS DO REINO

Legaçãõ de sua magestade fidelissima em França. — N.º 128. — Ilm.º e exm.º sr. — Tive a honra de receber as tres circulares que v. ex.ª me expediu sob n.ºs 50, 51 e 52, confirmando a infausta noticia da morte de el-rei o sr. D. Pedro V e do Serenissimo Senhor Infante D. Fernando, cujas almas Deus tenha na sua santa gloria!

A profunda dor que tão doloroso acontecimento produziu na nação portugueza foi mnto sinceramente partilhada pelo imperador e pela imperatriz dos francezes, que em demonstraçãõ do seu sentimento, tomarão immediatamente luto, ordenando que a corte de França o tomasse tambem, por espaço de vinte e um dias. Pelo telegrapho tenho dado conta successiva a v. ex.ª de todas as outras provas de verdadeira sympathia que suas magestades imperiaes deram pela familia real portugueza nesta tão triste conjuntura; e em execuçãõ das ordens que v. ex.ª me transmittiu pelo telegrapho, transportei-me outra vez a Compiègne para agradecer de novo, em nome de el-rei o senhor D. Luiz, e de seu augusto pae el-rei D. Fernando, todas as demonstrações de affecto que tinham recebido de suas magestades imperiaes. O imperador e imperatriz mostraram-se sobremaneira sensiveis a esta delicada atençaõ de suas magestades fidelissimas. As festas do Compiègne foram suspensas e suas magestades Imperiaes testemunharam-me por diferentes vezes nos termos mais expressivos quanto lhes era sensivel a immensa perda que soffremos, e disseram-me que, se eu mandasse celebrar exequias por alma do senhor D. Pedro V e pela do senhor Infante D. Fernando, quèriam suas magestades imperiaes fazer-se representar nesta triste cerimonia. Conformando-me pois por um lado com os precedentes aqui estabelecidos pelas mis-

co envergado desde o antro de Cerbero até ao tumulo de Sciãõ, chama-se golpho euboico.

Esta costa é notavel principalmente por as suas aréas d'ouro.

Se nos voltarmos para a direita, temos aos nossos pés o terreno onde era a cidade velha de Cumas, estendendo-se até á base da collina que fecha o horizonte; na collina avista-se o Arco Felice, e na encosta da montanha — a abertura da *grotta* por onde se vai ao lago Averno.

Do lago opposto se alarga o mar infinito; e no meio das vagas á distancia aproximada d'oitenta milhas — formando nas ondas uma nodosa sombra — como forma na historia, nos dias limpidos da primavera e do outono pode avistar-se a ilha de Pandataria.

Julia — a terrivel filha d'Augusto, morreu envenenada nesta ilha; ali Octavia, a casta esposa de Nero, morreu com as veias abertas, e Agripina, a esposa obstinada de Germanico, morreu de fome.

A ilha que foi testemunha das tres tragedias imperiaes chama-se hoje a ilha de *Vento Tene*.

Distante de Cumas trez milhas era a floresta d'Arna, onde costumavam celebrar uma festa nocturna todos os habitantes circumvisinhos. Ninfeu, chefe dos campones, querendo tomar Cumas de surpresa e atregal-a a Annibal, occultou-se com quator mil homens atraz do bosque para surpreher a cidade durante a festa. Porem os Campones souberam da emboscada, e ajudados pelo consul Sempronio, que correu de Littera auxiliial-los, atacaram os campones no momento em que elles menos o esperavam, mataram dois mil, e tomaram-lhes trinta e quatro bandeiras.

No numero dos mortos foi achado Ninfeu.

(Continua.)

sões diplomaticas quando fallece o respectivo soberano e por outro lado com os votos unanimemente manifestados pelos subditos portuguezes que se acham em Paris seguiu o natural impulso de mandar celebrar, com a devida auctorisação de v. ex.ª um officio funebre na freguezia da Magdalena pelo repouso das almas de el-rei e do senhor infante que Deus haja!

As exequias effectuaram-se no dia 21. Devo fazer especial menção de que o cardeal Morlot, arcebispo de Paris, desejando prestar á memoria do nosso fallecido soberano o tributo do seu respeito e admiração, assistiu, acompanhado do seu clero, ás exequias de el-rei, e resou elle proprio as ultimas orações junto da eça. O imperador fez-se representar pelo seu camarero mór o duque de Bassano e pelo seu primeiro ajudante de campo o general conde Roguete. A imperatriz pelo seu camarista o duque de Tascher La Pagerie, o Principe Napoleão pelo seu ajudante de campo o tenente coronel Ferri-Pisani, e a Princeza Mathilde pelo seu cavalheiro de honra o general Bougeuet.

O imperador, a fim de que os seus ministros correspondessem áquella triste solemnidade, addiou o conselho que nesse dia devia ter logar em Compiègne. Estiveram presentes, além do corpo diplomatico e das mais distinctas personagens desta corte, todos os portuguezes sem distincção de classe, que se acham em Paris.

No *Monitor* do dia 22, assim como em todos os jornaes desta capital, se dá noticia daquella cerimonia, pouco mais ou menos nos termos constantes dos inclusos impressos.

Deus guarde a v. ex.ª Paris 24 de novembro de 1861. — Ilm.ª e exm.ª sr. Antonio José de Avila, etc., etc. — *Visconde de Paiva.*

Tendo a officina mostrada a necessidade de serem modificadas algumas disposições do capítulo 8.º do decreto de 4 de outubro de 1860, relativamente á adjudicação dos premios aos auctores e imitadores; e conformando-me com as consultas do conselho geral de instrucção publica e do conselho dramático; hei por bem, em vista do artigo 112.º do decreto de 30 de janeiro de 1846, decretar o seguinte:

Artigo 1.º Ao concurso para a adjudicação dos premios estabelecidos no artigo 401.º do decreto de 4 de outubro de 1860 serão admittidas somente as composições dramaticas originaes.

Art. 2.º As peças propostas a premios devem ser apresentadas desde 1 de janeiro até ao fim de abril de cada anno.

Art. 3.º Os concorrentes mandarão, dentro do prazo marcado, á inspecção geral dos theatros as obras dramaticas que propõem a premio, acompanhadas de uma cédula fechada e lacrada, que deve conter o titulo da peça e o nome da auctor.

Art. 4.º Logo depois de recebidas todas as peças que se propõem a premio, o conselho dramático procederá á sua classificação, e votará sobre a sua admittibilidade ás provas publicas no theatro de D. Maria II.

Art. 5.º Quando a peça, julgada digna de ser admittida ás provas publicas, for de grande espectaculo, não poderá subir á scena sem que o orçamento da sua despeza seja proposto pelo conselho dramático, e approvedo pelo governo.

§ unico. Considera-se de grande espectaculo a peça, cuja despeza exceda á quantia de réis 500,000.

Art. 6.º As peças admittidas ás provas publicas serão representadas no theatro de D. Maria II tres vezes pelo menos.

§ 1.º Nos cartazes do theatro será expressamente declarado o fim porque se fazem as representações das peças propostas a concurso.

§ 2.º As peças sobre que na primeira e segunda representação haja recaído manifesta reprovação do publico serão retiradas da scena.

Art. 7.º Terminadas as provas publicas das composições dramaticas propostas a premio, o conselho dramático fará a classificação de todas as que hajam merecido o applauso publico, tendo em particular consideração o seu merito litterario; e designará de entre todas qual merece o primeiro premio, e qual o segundo.

Art. 8.º O premio de 400,000 réis será conferido á melhor das composições dramaticas originaes que for julgada digna de ser premiada. A composição dramatica original, classificada em segundo logar como digna de premio, será conferido o de 200,000 réis.

Art. 9.º As peças que não forem dignas de premio serão recebidas no repertorio do theatro, se o conselho dramático as julgar merecedoras desta distincção.

Art. 10.º A abertura das cedulas de que trata o artigo 3.º será feita pelo conselho dramático, depois de conferidos os premios e menções honrosas.

Art. 11.º O conselho dramático, depois de terminados todos os actos do concurso, enviará ao governo, pela direcção geral de instrucção, publica, uma consulta, propondo quaes as peças que devem ser premiadas ou são dignas de menção honrosa, e indicando os nomes de seus auctores.

§ 1.º A consulta será acompanhada de todas as obras dramaticas que entrarem em concurso.

§ 2.º O governo adjudicará os premios, e mandará publicar na folha official a consulta do conselho dramático, os titulos das peças que hajam merecido premio ou menção honrosa, e os nomes de seus auctores.

§ 3.º Os premios pecunarios e as menções honrosas não prejudicarão os direitos de auctor. O ministro e secretario de estado dos negocios do reino, assim o tenha entendido e faça executar.

cutar. Paço de Belém, em 28 de novembro de 1861. — Rei. — *Marquez de Loulé*

VARIÉDADES

A pedido publicámos o seguinte:

LUCANO

(Fragmento)

«Nec sicut vulnere sanguis
«Emitit lentus. Ruptis cadit undique venis.
«..... Para ultima trunci.
«Tradidit in cætum vacuos, vitalibus artus,
«At tumidos qua pulmo jacet, qua viscera fervent,
«Hæserunt ibi fata diu; luctataque multum
«Hæc cum parte, viri vix omnia membra tulerunt.»
LUCANO — (Pharsalia)

No solio imperatorio que fundára
Em Roma, Cesar,—Nero se assentava.
Esse monstro! barathrea catapultá
Com involucro de homem! A tal nome
Deve Roma tremer de espanto e de ódio!
Não vira a terra um vulto assim. Seus crimes
(Minha lyra immudece!) o mundo os sabe.

Reinava em Roma Nero, homem que o throno
Que Romulo fundou, tingiu de infamias.
Ter na terra e no ceu poder tremendo,
Qual o Jove dos mythos grecianos,
Era o alvo exereando de tal homem!

Arar Roma de sangue — inda era pouco!
Pra um ente insaturavel! outro imperio
Faltava-lhe tomar — era o das letras!...

Ser dos homens o horror, achava indigno
Este nome, queria ser dos sabios
A inveja!... Louco infante que pretendes?

No gynecæu da sciencia não se adoram
C'roas, sceptros de rei, curva-se a fronte
Ao saber — venha embora d'um mendigo!
N'um coração, fóco infernal de crimes
A pomba da poezia jamais póde
Um sacrario encontrar....

Lucano o poeta
Fazia, então em Roma, inveja ao mundo.
Seus discursos na homérica linguagem,
E na que Mantua ouviu, d'um seu bom filho
Era o brilho d'este homem sabio e stoico.
Entrar com elle em briga, Nero intenta,
Não olhando que o filho de Minerva
(Que, temendo-o talvez, cantou seu nome!)
Não podia curvar a fronte humilde
A purpura de um rei: embora o fosse
Era anomalo escravo do alto Pindo.

O reino da poezia é outro reino,
Os diademas da terra allí não entram,
Sem levarem ponteiro, como Cesar
Os peotas são reis. Vede Alexandre
O imperador do mundo! mas curvando-se
Aos hellénistas versos d'um mendigo!...

Nero, embora todos o temessem
Como tyrano e como athleta ingente;
Embora em jogos gymnicos ganhasse
Os custados applausos — não teria
No reinado das Muzas a victoria.

Propõe-se a these: — Nero se defende,
Lucano figurando-se na Stoa
Em sublime atheneu, dá culto ás Muzas
Nero defende Niobe, mãe chorosa
Mais que Hecuba na Iliada. Mas Lucano
Com Orpheo se defende. Já abandona
Com ódio e com vergonha o rei de Roma!
Lucano continua, e em breve, Nero
Não vê exito algum, pois a epiphonema
Do poeta Lucano, assim lho ordena.
Ódio de imperador não veda ao poeta
Do premio receber no theatro ingente
Do insepulto Pompeu!

Cantor de Cesar
Cavate a ruina a ti, o infame vingá-se!
Vencido na dialectica, quer tarde
Quicá de tua audacia haurir vingança.

Vingou-se no supplicio. Impõe a morte
Ao filho de Annæus Mela por ser sabio!
Infante imperador, o que é ter crimes!

Já quasi semi-morto inda conserva
A mente pura, e diz fallando á esposa:
«Adeus Paulina! sê virtuosa ao menos!»

Fallece um pouco. Mas tomando as forças
Que pode reunir, no banho exaustas,
Figura-se soldado do seu poema,
E moribundo — diz o que escrevera,
Pintando um moribundo na Pharsalia!

Morreu... que digo? Toda essa existencia
Do inspirado cantor, reina em seu poema.
Esse poema fiel, não quasi mytho
Das façanhas reaes, como outros muitos!
Ler teu poema é ver-te. Ouvir Labieno
E o sublime Caton, fallando ás tropas,
Sobre o pedir-se ao lybico propheta
O porvir da nação. — Ouvir de Cesar
As tacitas ideias vendo a fronte
Do já morto Pompeu — é ver o poeta
Pensar, viver com elle e com seu genio!

Vianna, novembro de 1861.

NOTICIARIO

Queixa. — Alguns dos nossos assignantes temse nos queixado de que não recebem o jornal com regularidade, e um do Porto nos acaba de

participar que não recebe os numeros 40, 42 e 43. Não procedendo a falta da administração d'este jornal, porque o methodo e cuidado com que o serviu é feito a não admittre facilmente, e não podendo tambem culpar a direcção do correio d'esta cidade pela confiança que nos merece, sentimos ter de attribuir ás outras administrações do correio; por isso pedimos aos srs. administradores das terras em que não ha carteiros não entreguem os jornaes senão a pessoas auctorizadas para os receberem, e aos das terras em que os ha, que façam esta recommendação aos mesmos carteiros.

Amiudadas vezes nos estão chegando queixas d'esta natureza; e havemos de obstar a que se não repitam; seja quem for o culpado.

Atenção. — O redactor do *Campeão das Provincias*, continua a offerecer as suas preleções gratuitas. O seu programma d'ensino é o seguinte: na 1.ª preleção explica a linguagem galega e regateira como a sua especialidade; na 2.ª a pelle da cutis lindamente assefinada; na 3.ª a lua e as sombras a espargirem raios e na 4.ª a bomba de apagar remorsos etc. etc.

Um dos seus discipulos disse aquizeram uma occasião *envenenar* o sr. D. Miguel, offerecendo-lhe um cavallo que levava de baixo do selim uma maquina infernal. O sr. D. Miguel desconfiando do presente mandou montar no cavallo o condutor, então houve a explosão e o homem foi pelos ares. Com uma tal prova de aproveitamento ninguem recusará as sabias preleções.

Noticias da corte. — Do *Diario* de 7 deste mez transcrevemos o seguinte:

SS. MM. e S. A. o sr. infante D. João passem sem novidade em sua importante saude.

S. A. o sr. infante D. Augusto continua a experimentar melhoras.

Paço de Belém, 5 de dezembro de 1861. — Barão de Kessler — Dr. Bernardino Antonio Gomes — Dr. Francisco Antonio Barral — José Eduardo de Magalhães Coutinho — Manuel José Teixeira — José Cactano Pereira — Manuel Carlos Teixeira.

S. A. o sr. infante D. Augusto, desde pela manhã até agora, tem passado sem novidade.

Paço de Belém, 5 de dezembro de 1861, ás 7 horas da noite. — Dr. Barão de Kessler — Dr. Bernardino Antonio Gomes — José Eduardo Magalhães Coutinho — Manuel José Teixeira.

Por ordem superior se annuncia que S. M. el-rei o sr. D. Luiz I tenciona receber no dia 8 de dezembro corrente, pela uma hora da tarde, no real paço de Ajuda, os cumprimentos de pezaes por motivo da infesta e sentidissima morte de S. M. el-rei o sr. D. Pedro V, e de S. A. o serenissimo sr. infante D. Fernando, seus muito amados e presados irmãos, de muito saudosa memoria.

O sr. duque de Saldanha. — O nobre marechal (diz a *Revolução de Setembro*) achando-se felizmente restabelecido da perigosa enfermidade que ultimamente soffreu, dirigiu-nos hoje a seguinte carta:

«Achando-me, graças á Divina Providencia, livre da grande enfermidade que poz em eminente risco a minha existencia, e já em convalescença franca, não devo demorar por mais tempo a expressão cordal e sincera do meu mais ardente reconhecimento pelos serviços de amigos e de facultativos, que durante a mesma enfermidade me prestaram os srs. doutores Affonseca e Ayres Baptista Pinto; assegurando-os de que apreciei nas horas de perigo, e continuo a apreciar não só a amizade, carinho e pericia de que tantas e tão exuberantes provas me deram; mas tambem a efficacia da medicina que professam, e que espero em Deus para beneficio dos meus queridos compatriotas se irá generalizando em Portugal.»

Paço do Gerales, 6 de dezembro de 1861. — *Duque de Saldanha.*

Suffragios. — O red.º reitor de Sôsa com o clero da sua freguezia, fez com toda a decencia na respectiva igreja parochial no dia 18 de novembro ultimo um officio funebre e missa solemne por alma de S. A. o sr. infante D. Fernando; e no dia 28 do mesmo um outro officio e missa solemne pela alma de S. M. el-rei o sr. D. Pedro V.

Novo plano. — Diz o *Jornal do Commercio* de Lisboa que constava estar já alterado, ou ir ser alterado, o plano da praça de Luiz de Camões.

O monumento do poeta não se levantará naquella praça, mas no largo do Passeio, e para isso ha de remover-se mais para dentro o gradamento da entrada, fazendo-se as demais obras indispensaveis para a boa collocação do monumento.

No centro da praça de Luiz de Camões e sobre o mesmo alicerce já feito, construir-se-ha uma fonte monumental, sendo a praça bem arborizada.

E' isto que nos consta, pelo menos, que está em projecto.

Suffragios em Tanger. — Por noticias de Tanger, diz o *Jornal do Commercio*: — Sabemos que o nosso consul ali, o sr. José Daniel Colaço, mandou celebrar na igreja de S. João do Prado, daquella cidade, uma missa de requiem, por alma de el-rei o sr. D. Pedro V de boa memoria.

O nosso consul foi acompanhado neste acto funebre por todas as legações ali estabelecidas, e pelo commandante e mais officialidade do vapor de guerra hespanhol «Liniers», que espontaneamente fez todas as demonstrações funebres, ten-

do no mastro de honra a bandeira portugueza a meio páo.

Foi tão grande a concorrência a esta cerimonia, que muitas pessoas ficaram fóra da igreja.

Os barcos mercantes que estavam no porto, sem excepção de nacionalidade, conservaram as vergas em funeral.

Uma boa providencia. — Diz o *Jornal do Porto*, o governo mandou fazer uma colleção dos vinhos e milhos do paiz, e commeteteu o seu exame a uma commissão. Esta commissão é composta de pessoas mui competentes para assumptos taes, como são os srs. visconde de Villar Maior, (Julio Maximo de Oliveira Pimentel), director geral do instituto agricola; João Ignacio Ferreira Lapa, lente de chimica agricola do mesmo instituto; José de Andrade Corvo, lente d'economia rural do mesmo instituto, e lente de botanica da escola polytechnica; Manoel José Ribeiro, lente d'engenharia agricola do mesmo instituto; e Agostinho Vicente Lourenço, engenheiro civil pela escola central de Paris.

O primeiro dos nomeados servirá de presidente. A commissão já se acha a braços com um exame de tanta utilidade para o paiz.

Noticias da India. — No dia 7 de outubro ultimo entrou no rio Mardovi a fragata *D. Fernando* para ser concertada.

Diz o *Ultramar* que appareceu ha pouco tempo na villa de Morgão um jogo (penitente) que trazia o braço esquerdo levantado e sem movimento, e mão com o punho fechado; as suas unhas estavam crescidas por tal fórma, que tres dellas chegavam quasi até ao cotovello, a do pollegar andava interlaçada nos dedos, e a do minimo chegava a baixo da base da palma. Havia trinta annos que vivia naquelle estado tendo, sido sempre o seu alimento de leite e verdura crua, rejeitando qualquer offerta que se lhe fizesse, a não ser o sustento diario.

Sob o titulo de *Dossoro*, conta o mesmo jornal o seguinte:

«Uma das funcções do paganismo, que recorda aos seus crentes o valor marcial e depois da qual é costume entre elles fingir uma guerra, em que se celebra o sacrificio da expiação, foi este anno, no dia 13 do corrente, festejada em Bandora mais que de ordinario. Uma guarda de honra do segunda batalhão, commandada pelo capitão o sr. Roncon, com a sua excellente banda de musica, sahindo do quartel ás duas horas e meia da tarde, foi postar-se no largo do palacio da rainha da Sundém, e a musica tocando pelo caminho variadas peças, annunciando aos habitantes dessa provincia a solemnidade de Dossoro. Houve grande concurso. Assistiu tambem o commandante do segundo batalhão com alguns officiaes, senhoras e mais pessoas de distincção, os quaes depois de determinada a festividade tendo sido convidados para tomar refresco, nas salas do palacio, foram todos muito bem hospedados. A guarda e musica tiveram os seus refrescos. A cerimonia principiou seriam cinco horas e meia quando o principe de Punganon sahiu do palacio ricamente vestido com as suas dragonas de official superior, acompanhado do principe herdeiro, tambem magnificamente vestido com as suas insignias reaes. Aquelle montado n'um soberbo cavallo branco, e este sentado n'um palanque real, foram ambos processionalmente levados ao logar da cerimonia, distante do palacio 500 passos terminando este acto com tres descargas Na volta ao pé do palacio foi immolado um cabrito, em honra dos deuses do paganismo.»

Annuncio marítimo. — Por participação do director da alfandega do Funchal consta ter aportado áquella cidade, no dia 25 de novembro ultimo, o bergantim dinamarchez *Charlote Hage*, mestre Nans Nielsen, a fim de desembarcarem o capitão William Harcus e mais onze pessoas da tripulação da barca ingleza *Ocean*, do lote de 319 toneladas, a qual, tendo sahido de Sulina (mar Negro) com carga de milho para Falmouth, fóra abandonada em consequencia de agua aberta debaixo de grande temporal na latitude norte 42.º, e longitude oeste de Greenwich 14º 30', salvando-se alem da dita tripulação as suas roupas e instrumentos nauticos.

Um cão fiel. — Na exhibição do Palácio de Crystal ha um retrato de um cão, chamado *Mustapha*, cuja historia vamos narrar.

Mustapha pertencia a um caçateiro de *Saint-Cloud*, bem conhecido no rio pelo cognome de *Roberto o valente*, em consequencia de muitas braburas que havia praticado. Achando-se falto de meios em rasão dos pequenos ganhos era-lhe custoso satisfazer o imposto sobre os cães, que ultimamente se havia lançado, e consequentemente resolveu desfazer-se do cão, vendendo-o.

Sendo este de pouco valor e soffrendo de mais a mais uma molestia na pelle, ninguem o queria comprar, o obrigou Roberto, seu dono, a decedir-se a afogal-o.

Uma madrugada Roberto levou o cão no seu bote para o meio do Senna para dar execução a sentença fatal.

Sendo *Mustapha*, porém um bom e experimentado nadador tomou a precaução de atar-lhe ao pescoco uma pedra, e voltando pelo que se via obrigado a fazer ao pobre cão, lançou-o ao rio.

A pedra com tudo não hera sufficientemente pesada, de modo a prevenir que *Mustapha*, ainda que a muito custo, nadasse para conseguir aproximar-se do bote Roberto pertendeu afastar o cão, na esperança de que elle mergulharia presto, perdeu o equilibrio e cahiu ao rio.

Mustapha por um grande esforço conseguiu romper a corda que sustinha a pedra, nadou para seu amo e filando-se pela gola do gibão pôde trazer-o a salvamento para terra.

Na occasião em que sacudia a agua que em si tinha, passava um cavalleiro, e perguntando

o que tinha acontecido, narra-lhe a historia do pobre animal; offereceu logo por elle dez napoleões; proposta que foi immediatamente accetada.

Mustapha foi levado para um hospital proprio para a raça canina, e, ali curado da fatal molestia que soffria, vive uma vida feliz na companhia de seu novo amo, que sendo amigo intimo d'um-habil pintor, a este se deve o possuir-se no palacio de cristal o retracto do generoso cão, que de quando em quando sahe a occultas de casa, e vae visitar seu velho amo Roberto, o valente.

Rectificação. — É sempre a pezar nosso, quando alguma vez nos succede deixar de fallar verdade, a quem em tudo a devemos.

Por informação inexacta dissemos no noticiario do nosso numero 45, que a guarda d'al-fandega não acudira de prompto aos gritos do filho de Manuel Machado, os quaes começaram a ser ouvidos depois que elle attentára contra a vida de seu pae.

Depois d'aquella publicação soubemos, que o cabo e os soldados da referida guarda acudiram logo aos primeiros gritos, tomaram as convenientes posições para não deixar evadir-se o eriminoso, e até no meio da cerrada escuridão d'aquella noite o cabo da guarda, se bem informado fomos, entrou sem demora no barco, que acabava de ser o theatro de tão horrivel drama, para averiguar o acontecimento, e prender o delinquente.

Quando o sr. Bento de Magalhães ali appareceu, recommendando a prisão e segurança do malfetor, já isto se tinha passado.

É verdadeira em tudo mais a noticia que demos. Só nos resta acrescentar, que, alem da actividade com que a guarda effectuou a prisão, temos a louvar-lhe a sollicitude e humanidade com que ella prestou todos os auxilios necessarios para conduzir o ferido ao hospital; e nem outro procedimnte podia esperar-se de militares, que servem debaixo do commando do intelligente e honrado capitão d'infanteria 18, o sr. João José Lopes.

Despachos.

Directão geral da instrucção publica

1.ª Repartição

Theotónio de Ornellas Bruges—nomeado delegado da inspecção geral dos theatros no districto administrativo de Angra do Heroismo, por decreto de 28 de novembro ultimo.

2.ª Repartição—1.ª Secção.

Dr. Albino Jacinto José de Andrade e Silva, primeiro substituto extraordinario da faculdade de theologia na universidade de Coimbra—promovido a lente substituto da mesma faculdade, por decreto de 28 de novembro corrente.

José Pedro Nunes—nomeado para o officio de perito em paleographia, por decreto da mesma data.

2.ª repartição — 2.ª secção

José Marques Leite, professor jubilado do lyceu nacional de Castello Branco—nomeado commissario dos estudos e reitor do mesmo lyceu, por decreto de 28 de novembro corrente.

Manel Joaquim de Assumpção Teixeira—nomeado por tres annos professor de grammatica portugueza, latina e latinidade da villa de Mirandella, districto de Bragança, por decreto de 25 de novembro corrente.

Fabio Maximo Carrara—nomeado professor da cadeira de canto para ambos os sexos, em aulas separadas, da escola de musica do conservatorio real de Lisboa, por decreto de 28 de novembro corrente.

Dr. João Antonio de Sousa Doria, professor proprietario da cadeira de historia, geographia e chronologia do lyceu nacional de Coimbra—agraciado com o augmento do terço do seu ordenado, por decreto da mesma data.

Domingos José da Silva, professor proprietario da cadeira de gravura historica da academia de bellas artes de Lisboa—agraciado com o augmento do terço do ordenado, por decreto da mesma data.

José da Costa Sequeira, professor substituto da cadeira de architectura civil da academia das bellas artes de Lisboa—agraciado com o augmento do terço do seu ordenado, por decreto da mesma data.

João Pires da Fonte, professor proprietario da cadeira de architectura civil da academia de bellas artes de Lisboa—agraciado com o augmento do terço do seu ordenado, por decreto da mesma data.

Antonio Manoel da Fonseca, professor proprietario da cadeira de pintura historica da academia de bellas artes de Lisboa—agraciado com o augmento do terço do seu ordenado, por decreto da mesma data.

CORREIO

LISBOA 8 DE DEZEMBRO

(Do nosso correspondente.)

No *Diario* do dia 6 vem publicada uma carta, dirigida por S. M. o sr. D. Luiz I ao presidente do conselho de ministros.

Aquella documento official tem a data do 1.º de dezembro, data memoravel, e de gratas recordações para o povo portuguez, ao qual se dirige agora o novo soberano, agradecendo-lhe as provas d'amor e sympathia de que dera alto testemunho á dynastia de Bragança pelo infausto acontecimento da prematura morte do sr. D. Pedro V.

A carta d'el-rei é concisa; mas nas singelas e sentidas palavras com que o joven monarcha falla á nação, se revella a dor, a saudade, e a gratidão que lhas dictaram.

No mesmo *Diario* vem tambem publicados uns documentos importantes, saídos do ministerio da marinha. Taes são os decretos que se referem

á cultura do algodão nas nossas colonias da Africa occidental e oriental.

Era tempo de apparecer alguma medida que a nimasse e desenvolvesse o cultivo d'aquelle genero, do qual em todos os tempos muito mais agora, se podem tirar inumeras vantagens para a metropole e para as nossas possessões africanas.

O consumo do algodão na Europa é pasmoso; e a qualidade do algodão que se cultiva na nossa africa é muito bem reputada pelo commercio, e pode luctar com vantagem reconhecida o nosso com o algodão americano. Independente, pois, dos acontecimentos que se estão succedendo nos estados... unidos, mais aggravados agora pelo facto de hostilidade aberta das provincias do norte com a Inglaterra, independente dos transtornos que a falta do algodão está causando á industria fabril, e dos receios que actuam sobre o commercio que não pode calcular até quando se prolongará este estado excepcional que tanto affecta os seus interesses, é certo que a cultura do algodão na Africa portugueza fazendo-se em larga escala, ha de ser para a metropole e para as colonias africanas um importantissimo meio de prosperidade, e um incentivo para que a par da cultura d'aquelle genero, se desenvolvam outros cultivos que a mingua de recursos, e de auxilio official tem impedido de aproveitar, ensaiar, ou melhorar.

Cada vez estou mais convencido do muito que pode influir politica e economicamente nos destinos da mãe patria a protecção que se dê ás colonias. A riqueza, que possuímos naquellas vastas possessões, é immensa. Zello e sollicitude pelas colonias deve ser um grande principio exarado no programma de todos os governos; e aquelle que mais sollicito e zeloso se mostrar neste ramo importantissimo da administração, não terá feito pouco em beneficio desta nação.

Não é de falta de recursos que nos devemos queixar. É a indolencia governativa que nos tem abattido, tambem a falta d'animo nos capitães em entrarem em empresas de que não esperam lucro certo e immediato, o que tem concorrido poderosamente para que não haja nas colonias o progresso e a civilisação em que abundam outros territorios menos favorecidos pela natureza, mas que pertencem a nações que tem governos activos, e capitães que não esmorecem diante do mais pequeno prejuizo.

O man costume que ha em Portugal de esperar tudo da acção dos poderes publicos tem sido uma das principaes causas do nosso atraso e pobreza. Se houveramos, apprendido, já não fallo com a Inglaterra, contento-me com Hollanda, em que estado de prosperidade e grandeza se encontraria a nossa marinha e as nossas possessões ultramarinas!

Os territorios vastos e riquissimos que ainda possuímos na Africa, bastavam para nos tornar grandes e respeitados, se tivesse havido mais cuidado e mais juizo nos governos, e menos receio e incuria nos capitalistas e proprietarios.

Passemos a outro assumpto. A escola de Mafra, fundada e subsidiada pelo sr. D. Pedro V, creio que merece ao seu augusto successor equal disvello e protecção. Affirma-se que o sr. D. Luiz não só está resolvido a sustentar aquelle estabelecimento d'instrucção, mas parece determinado a introduzir-lhe todos os melhoramentos de que seja susceptivel.

Consta-me que cinco alumnos dos mais distinctos d'aquella escola, requereram para serem admittidos na escola normal. Esta não começou ainda a funcionar, por não estar convenientemente arranjada, mas as obras de que necessitava progredem com actividade, e espera-se que no principio do proximo anno encete os seus trabalhos.

Na noite de 4 do corrente fez a sua estrêa em S. Carlos a *prima dona* Laborde. Esta dama que já não é joven, nem bella, obteve um exito felicissimo, devido unicamente ao seu merito. A sr.ª Laborde é das melhores cantoras que tenho ouvido. Tem uma voz admiravelmente afinada, e não obstante faltarem-lhe as notas graves, é tal o estudo e a maestria do seu canto que suppre com a maior facilidade os meios vocaes de que não dispõe.

Desgracadamente tenho que registrar nesta correspondencia dois casos de suicidio. Esta mania está ha tempos mais diminuida. Queira Deus que não recomece agora, e que não nos vejamos obrigados a commemorar e lamentar novos actos de desesperação e loucura.

Um dos suicidas chamava-se Francisco José Zacharias Guimarães. Era homem estabelecido e proprietario. Afogou-se, despenhando-se para o mar em Cascaes. Ignora-se quaes os motivos que o induziram a tomar semilhante resolução.

O outro suicida chamava-se Firminio José. Era sapateiro. Appareceu enforcado na casa em que habitava. Não foi a primeira vez que aquelle infeliz attentou contra a sua existencia. Já o anno passado premeditou matar-se, mas então não levou á vante, como agora, o seu desesperado projecto.

Consta em Lisboa, mas não é ainda official, que S. M. catholica tem resolvido enviar a el-rei o sr. D. Luiz o collar do Tosão d'ouro, que pertencera ao sr. D. Pedro V. Esta noticia foi dada aqui por um alto empregado diplomatico hespanhol, a quem foi telegraphicamente communicada.

Na *Revolução* d'hontem vem transcripta uma carta do sr. duque de Saldanha, na qual depois de dar graças á Providencia pelo seu restabelecimento, agradece aos medicos homoeopaticos o cuidado com que o tractaram, e faz votos pelo maior desenvolvimento da homoeopathia em Portugal.

Acredito em todas as medicinas, sem dar preferencia a nenhuma. Todas fazem milagres quan-

do a natureza as auxilia e a enfermidade se compraz em ceder aos seus esforços. Entre tanto, o marechal não tem rasão de queixa contra as medicinas especiaes. Já foi salvo pelo systema de Raspail, e agora pelos sectarios da escola de Hanneman.

Produzio o resultado mais satisfatoria a experiencia a que se procedeu, na quarta feira passada, do novo melhoramento, introduzido pelo sr. Diogo Manique na sua primeira invenção de *carroagens salva-vidas*.

O melhoramento nada deixa a dezerar.

Por mais despedidos que vão os cavallos na carreira, a simples acção d'uma manivella separa os meios balancins a que prendem os tirantes, e bem assim a cabeça da lança, de modo que os cavallos podem continuar a fugir, sem que as pessoas que vão dentro da carroagem soffram o mais pequeno incommodo. A carroagem para instantaneamente, por que ao mesmo tempo que a acção da manivella desliga os cavallos, descem uns pequenos esportes de ferro que travam as rodas trazeiras da carroagem, e a conservam immovel, não havendo choque.

É uma bella invenção. A experiencia repetiu-se por algumas vezes, tanto n'uma superficie plana, como n'um plano inclinado, e sempre com o mais prompto e feliz resultado. Entre os espectadores figuravam os srs. ministro das obras publicas e o duque de Bellune, secretario da legação franceza nesta corte.

Parece que o machinismo será brevemente applicado ás carroagens da malla-posta.

O ultimo boletim do paço, que tem a data de hontem ás 7 horas da noite, dá o sr. infante D. Augusto continuando em estado favoravel. Effectivamente, S. A. apresenta muitas melhoras; a febre tem cedido, e vae apparecendo o appetite. Pode dizer-se que o sr. infante entrou no periodo da convalescença.

Já se está armando na praça do commercio o pavilhão, que ha de servir no dia 22 do corrente para a cerimonia da entrega das chaves da cidade ao novo rei. Diz-se que, por occasião da solemnidade do referido dia se suspenderá o luto por trez dias.

S. M. recebe hoje os cumprimentos de peza-mes no palacio da Ajuda.

O theatro Gymnasio não quiz ficar a traz do seu collega o Normal. As recitas do *Prestigador* despertaram-lhe a vontade de appresentar espectáculo de prestigios. O Gymnasio, portanto, contractou com um prestigador, por nome o sr. Gillardi, que brevemente attrahirá a concorrência dos amadores d'*escamotages*. Ovi dizer que Gillardi era muito perfeito na sua arte.

O cambista Peres arrematou o premio grande das loterias. Ainda desta vez a sorte lhe favoreceu a casa. Os 14:000\$ saíram no n.º 2465; o bilhete estava dividido em cantellas de varios preços.

O actor Simões foi muito festejado na sua reaparição no theatro da rua dos Condes, onde por obsequio a um beneficiado foi desempenhar um papel na comedia *Fei de Corpo*. O actor Simões está escripturado no Gymnasio, onde brevemente recomeçará os seus trabalhos. Creio, porém, que a escriptura não é por muito tempo, pois se diz que volta novamente ao Rio de Janeiro, onde está ligado por compromissos artisticos.

A nova disposição que manda unicamente admitir no quadro extraordinario do theatro de D. Maria os discipulos da escola de declamação, é muito bem entendida. Se ha mais tempo se houvesse legislado neste sentido, não passaríamos pela vergonha de ter ha quasi trinta annos um Conservatorio, d'onde não sahiu ainda um só actor.

Segundo diz a *Revolução* d'hoje, o quadro de paizagem, feito pelo sr. Christino, foi comprado por el-rei.

No mesmo jornal se dá a noticia de estar já approvado o figurino para os capotes ou casacos do novo uniforme, que se distribuiram pelo exercito.

Já em tempo lhe dei noticia de que se projectava alteração nos uniformes, que talvez se verifique agora, não ficando a modificação reduzida sómente aos capotes.

A alfandega grande rendeu neste mez até hontem réis 56:053\$075; e a municipal de réis 18:168\$420.

A folha semi-official não dá ainda por contractada a venda do caminho de ferro do sul; affirma, porém, que ha negociações entabuladas com os concessionarios da linha ferrea de sueste.

EXTERIOR

Da *Chronica dos dois mundos*:

Londres, 3.—Julga-se em vista das publicas demonstrações e do que dizem os jorneos anglo-americanos, que a união recusará dar liberdade aos commissarios do sul.

Nesse caso, a Inglaterra forçará o bloqueio, carregará os seus navios de algodão, e declarará a guerra ao governo de Washington.

«Turim, 3.—Garibaldi chegou a Genova; pronunciou um discupso apaixonado, e partiu para Turim.»

Da *Epoca*:

«Genova, 3.—Chegou Garibaldi.

Fizeram-se-lhe grandes demenstrações.

No discurso, que preferiu, disse: «Comvosco são necessarios factos, e não palavras. No momento do combate, ettarei ao vosso lado.»

«Londres, 3.—Ha noticias dos Estados-Unidos.

O «Heraldo de Nova-York diz que o presidente Lincoln declarou que não entregará os commissarios capturados, ainda que seja causa de uma guerra com a Grã-Bretanha.

Fizeram-se publicas demonstrações em favor do «S. Jacinto.»

Vienna, 3.—Os austriacos entraram em Sutorina, e arrazaram duas baterias construidas pelos insurgentes.»

«Da *Correspondencia*:

«Berlin, 1.º—O general Luders sahirá proximoamente de Varsovia.

Nos circulos melhor informados designa-se como seu successor provavel na tenencia o general Berack.

O condê de Wielopolski acha-se já em caminho para Berlin.»

Pesth, 1.º — Os novos funcionarios das juntas provinciaes de Hungria, estão já nomeados.

O cardeal de Grau terá a seu lado um administrador.»

«Turin, 1.º — Na camara dos deputados, o sr. Mandoi pediu que se depositem os documentos que se referem á demissão do sr. Pofano, e tendo este exigido uma informação, addiu-se a discussão.

O sr. Massari propoz uma lei para uma pensão de 1:000 francos a cada um dos mil homens da expedição de Marsala.

«O empréstimo italiano cotiza-se a 68-60.»

Uma carta de Varsovia dirigido ao *Jornal dos Debates* em 21 de novembro refere que as auctoridades russas já tinham principiado a proceder contra as mulheres por tomarem parte nas demonstrações patrioticas; muitas foram encarceradas nos paços consistoriaes, outras foram reclusas em cellas preparadas para esse offeito nos conventos, e algumas desterradas para a Russia. Além do que, procedia-se com o maior rigor contra todos os havitantes do paiz, sem distincção de sexo, a ponto de pretender o governo moscovita encerrar n'uma fortaleza o provisor da diocese, cuja medida não se levou a effecto, graças á influencia do magistrado Dembowski, presidente interino da junta de justiça.

Algumas correspondencias de S. Petresburgo dão como positiva a demissão do ministro da instrucção publica, e a substituição por Titoff, que foi embaixador da Russia em Constantinopla. Segundo parece motivaram a sahida do conselheiro Poniatine as turbulencias occorridas nas universidades do reino, que se attribuem aos regulamentos por elle dictados.

Tambem corria que se tratava de modificar a organização do gabinete russo, creando-se como em os outros estados europeus um presidente do conselho de ministros, cargo para o qual designam o actual ministro das obras publicas.

ANNUNCIOS

REVISTA CONTEMPORANEA

DE PORTUGAL E BRAZIL

(Tiragem de 2:500 exemplares.)

Directores, Antonio de Brederode, Ernesto Biester.

Publicou-se o n.º 7 do 3.º anno, contendo os seguintes artigos:

- I. — *Rodrigo da Fonseca Magalhães*, por Andra-de Ferreira.
- II. — *Ermida de Castromino*, romance por A. A. Teixeira de Vasconcellos.
- III. — *Episodio da Vida de Alexandre Humboldt*, por J. M. Latino Coelho.
- IV. — *O Judeu Errante* (poesia), por Henrique Van deiters.
- V. — *Correspondencia do Brasil*, por F. Xavier de Novaes.
- VI. — *Chronica politica*.
- VII. — *Chronica litteraria*, por Ernesto Biester.

Acompanha este numero o retracto de Rodrigo da Fonseca Magalhães, gravado pelo sr. Sousa, professor da Academia das Bellas Artes. Publicar-se-hão em seguida os retratos e biographias, de S. M. F. El-Rei D. Luiz I, de S. A. a sr.ª Infanta D. Antonia, de J. A. Seabra, do Padre Malhão, de Camillo Castello Branco, de A. Rodrigues Sampaio, de João de Lemos, de Gonçalves Magalhães (poeta brasileiro), de Odorico Mendes (idem), de Gonçalves Dias (idem), de A. A. Teixeira de Vasconcellos, de Manuel Passos, de José da Silva Carvalho, do Conselheiro Bastos, de Julio Cesar Machado, Visconde de Sá da Bandeira, e de Mousinho da Silveira.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

	Na capital	Nas provincias
Por anno....	2\$000	Por anno.... 2\$500
Por semestre..	1\$100	Por semestre.. 1\$250

Avulso — 300 rs.

Assigna-se nas principaes lojas de livros em Portugal.

Toda a correspondencia deverá ser dirigida franca de porte a F. da Costa da Matta, administrador da *Revista Contemporanea*, no escritorio do jornal, Calçada do Sacramento n.º 7 — sobre-loja, Lisboa.

As folhinhas de reza do bispado de Aveiro, acham-se á venda á portaria das Carmelitas, desta cidade, onde se continuarão a vender em quanto não houver aviso em contrario. Preço 150 reis.

RESPONSÁVEL — Manoel Cypriano da Silveira Pimentel.

Typographia do Districto de Aveiro.